

**Colaboradores de Deus:
as alegrias, os desafios e as oportunidades
das relações entre os Institutos de Vida Consagrada**
P. David Glenday MCCJ

P. David Glenday, um Missionário Comboniano, é atualmente o Secretário Geral da União dos Superiores Gerais (USG).

Pois quando, entre vós alguém diz: “Eu sou de Paulo”, e outro, “Eu de Apolo”, não é isto modo de pensar totalmente humano? Pois, que é Paulo? Que é Apolo? Simples servos, por cujo intermédio abraçastes a fé, e isto conforme a medida que o Senhor repartiu a cada um deles: eu plantei, Apolo regou, mas Deus è quem faz crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas somente Deus que faz crescer. Aquele que planta e aquele que rega são iguais; cada um receberá a sua recompensa de acordo com o seu trabalho. Pois nós somos companheiros de trabalho de Deus. Vós o campo de Deus, o edifício de Deus.
1 Cor 3, 4-9

1. Alegrai-vos sempre (1 Tes 5, 16)

Uma sábia tradição da Igreja encoraja-nos a iniciar cada avaliação importante de nossas vidas e missão desde um lugar de consolo, de alegria, e isso, eu acredito, é também o melhor lugar para começar esta breve comunicação sobre as formas em que os Institutos de Vida Consagrada relacionam-se uns com os outros. No entanto, o Papa Francisco no início de *Evangelii Gaudium*, oferece-nos uma lembrete salutar de que o tipo de alegria a que estamos falando aqui, a alegria do evangelizador, sempre resplandece em um contexto de memória grata.

Então, poderíamos fazer algo mais pior do que tomar como ponto de partida aqui a questão: quais são as memórias gratas que nós temos de relações positivas e vivificantes entre os outros Institutos e os nossos, que continuam a trazer-nos alegria duradoura, inspiradora e energizante?

Com a esperança de encorajar-vos à encontrar as vossas próprias respostas para esta questão, permitam-me responder à isso desde a minha própria história e desde a minha própria experiência, e com referência às quatro áreas-chave da nossa vida consagrada.

a) a experiência carismática e, portanto, relacional da Fundadora, do Fundador

Considero-me muito abençoado por ter como Fundador a São Daniel Comboni, um missionário para quem a amizade, a relação e a cooperação com os outros na Igreja eram como o ar que respirava. Apaixonado e de mente única, como ele era sobre a evangelização da África, e com a experiência pessoal das graves dificuldades que este grande projecto implicava, ele nunca teve qualquer dúvida de que este era um trabalho que exigia os esforços concertados de todos na Igreja. Na verdade, quase poderia dizer-se que ele foi guiado à fundar os seus próprios Institutos missionários somente quando a urgência da missão ultrapassou as dificuldades e resistências que o apelo à cooperação provocou.

No entanto, naturalmente, não pensei nem sequer por um momento que essa abertura de Daniel Comboni fosse exclusivamente para ele. Eu creio que, se todos nós retornarmos às nossas/os Fundadoras e Fundadores, mulheres e homens do Espírito, é provável que encontremos nelas, pessoas que acreditaram na construção de redes de amizade e cooperação com os outros. Quando estudamos e refletimos sobre as nossas Fundadoras-Fundadores, muitas vezes, isso seja talvez um dos aspectos de sua experiência de graça que negligenciamos, e corremos o risco de perder o desafio que ainda está lá para ser descoberto

dentro dos nossos carismas fundacionais. Para as nossas Fundadoras-Fundadores, de que maneira os seus carismas eram um dom de relação e de cooperação? E de que maneira a nossa fidelidade à eles, hoje urge-nos para uma semelhante relação e cooperação?

b) juntos em formação

Considero-me ter sido muito afortunado na minha juventude, por ter estudado filosofia e teologia no Instituto Missionário de Londres (MIL), um consórcio fundado por sete Congregações exclusivamente missionárias, que formaram evangelistas tanto mulheres como homens ao longo de várias décadas, mas que infelizmente, foi eventualmente encerrada - em vista das mudanças demográficas das vocações missionárias - há alguns anos atrás.

Havia algo profundamente energético e vivificante em preparar-se para a missão com colegas de outras famílias missionárias, e os frutos eram muitos para a nossa futura missão. Formamos amizades e vivemos a fraternidade; ampliamos os nossos horizontes; experimentamos diferentes abordagens para a missão que nascia das diversas histórias; aprendemos a ver como o Espírito opera de muitas maneiras diferentes e belas; preveíamos a missão em termos de comunhão e cooperação.

De uma forma ou de outra, imagino que muitos de vocês, tenham experiências semelhantes de formação com homens e mulheres provenientes de outras Congregações religiosas, e eu suspeito que ao re-avivar e re-saborear essas experiências podem ser esclarecedoras e encorajadoras para enfrentar os desafios discutidos nesta breve reflexão. A formação que oferecemos aos membros dos nossos Institutos, lhes desafia e lhes prepara para realizar a missão juntos?

c) missão compartilhada

A memória grata e, portanto, a alegria energizante, também são geradas ao re-avivar as nossas experiências de missão e apostolado, aonde, de uma forma ou de outra, fomos atraídos para a cooperação com outras/os religiosas/os.

Uma experiência que eu atesouro como algo especialmente preciosa foi o meu tempo em Uganda na década de 1980, um tempo de grave instabilidade política e de real sofrimento para muitos. Na época, tive a sorte de ser editor da LEADERSHIP, uma revista visada para a formação de líderes cristãos leigos, e estava movendo-se em apelar à rede de cooperação e apoio oferecidos pelos missionários de muitas Congregações diferentes em todo o país e ainda muito mais além, o que permitiu que a revista fosse um foco de esperança e encorajamento para muitos.

E talvez também aqui há uma lição a ser notada e aprendida: podemos construir experiências como esta, que de alguma forma foram ocasionadas pela crise, quando a crise passou e a "normalidade" retorna? Muitas vezes, infelizmente, parece-me que não somos capazes. Como devemos dizer mais abaixo, precisamos de aprender apreciar e desenvolver o dom da relação, e não deixá-la desaparecer ou murchar.

Ainda mais amplamente, acho que podemos dizer que muitas vezes existe uma falta de planejamento estratégico entre os institutos religiosos que trabalham no mesmo país ou região, quando seria muito mais sensato planejar juntos e reunir recursos para o bem da Igreja.

d) parceiros em discernimento

Muitas vezes, ao longo dos anos, estava muito envolvido no governo e animação do meu próprio Instituto nos níveis local, provincial e geral, e a minha atual missão na USG coloca-me uma vez mais neste campo.

Certamente é uma grande alegria envolver-se no tipo de discernimento compartilhado que necessariamente isso implica. Simplificando, enfrentados como estamos com enormes desafios de vida e missão, não há mais nenhuma alternativa para juntar nossas cabeças e nossos corações, ajudando-nos a vislumbrar o que o Senhor está fazendo na história e a encontrar um caminho a seguir para emprestar-lhe a mão que, parece que, Ele está continuamente a procurar. Estar implicado neste tipo de partilha é uma maneira especial de descobrir os dons do Espírito, a sabedoria e a santidade das / dos nossas/os companheiras/os religiosas/os de outras Congregações, e isso é profundamente edificante no melhor sentido possível da palavra.

Mesmo assim, aqui também, existe um desafio: na minha opinião, precisamos de ser mais decisivos para acompanhar as conseqüências práticas do nosso discernimento compartilhado e dar-lhes corpo em projectos de missão comum.

2. Alegria no Espírito Santo (Rm 14, 17)

Quando refletimos nesta jornada a partir da memória grata de experiências positivas de relações entre diferentes Institutos, até a alegria que essas relações geram, descobrimos que fomos atraídos para o próprio coração da vida consagrada: ao final de tudo, essa alegria é trabalho e fruto do Espírito, que continua a fazer da vida religiosa, um dom para a Igreja e para o mundo.

Esta realização – a partir da memória grata até a alegria de uma nova consciência do Espírito que está trabalhando – leva-nos a fazer várias afirmações desafiadoras, afirmações que podem ter muitas conseqüências práticas:

- toda a questão da construir relações entre Institutos religiosos não é secundária ou periférica, mas está no cerne do que a vida consagrada é chamada a ser. É o Espírito que nos atrai para unir-nos;
- essas relações são um elemento essencial da realidade carismática da vida consagrada: sem essas, os Institutos não viverão plenamente os seus carismas e não experimentarão o poder e a riqueza desses carismas. Aqui, como em outras áreas da vida humana, só descubro completamente quem sou eu através de ti, precisamente porque somos ambos iguais e diferentes;
- está claro, que é desejável que os Institutos cooperem na missão, e isso tem sentido nos termos de bom uso dos recursos disponíveis para responder aos desafios missionários do dia. Mesmo assim, essa abordagem, embora positiva, não é toda a história; algo mais profundo e mais rico está em jogo aqui. Uma abordagem exclusivamente utilitária não é suficiente;
- esta visão essencialmente carismática e não meramente funcional, nas palavras de Jesus em sua oração na Última Ceia, queima: "Como tú, ó Pai, está em mim e eu estou em tí, que eles também estejam em nós, para que o mundo possa acreditar que tú me enviaste". A nossa comunhão não é apenas uma maneira de organizar-nos melhor para atender às necessidades; é o nosso primeiro e mais eficaz testemunho do Senhor à quem seguimos.

Como já sugerimos, esta visão de comunhão não é uma teoria: tem consequências de longo alcance. Quando essa falta, pode levar os nossos Institutos à formas de paroquialismo ou mesmo de competição que não edifica e é estéril. Essa visão é vital para enfrentar as inevitáveis dificuldades e complicações que surgem quando nos reunimos em projectos de missão; a experiência mostra que sem essa visão, será muito difícil manter o curso. É uma visão que, quando se abraça com todo o coração, nos liberta para ser generosos, imaginativos e criativos.

Talvez o núcleo do que estamos tentando dizer aqui possa ser melhor expressado nas memoráveis palavras da homilia do Papa Bento XVI no Domingo de Pentecostes de 2012:

“Jesus dice: ‘Quando vier o Espírito da verdade, vai guiar-vos em toda a verdade’ (Jo 16, 13). Aqui, ao falar sobre o Espírito Santo, Jesus explica-nos o que é a Igreja e como ela deve viver para ser ela mesma, para ser o lugar da unidade e da comunhão na Verdade; Ele diz-nos que comportar-nos como cristãos significa não estar mais fechados nos nossos próprios “eu”-s, mas sim estar abertos à todas as coisas: significa acolher interiormente toda a Igreja dentro de nós ou, melhor ainda, interiormente, deixar-nos ser acolhidas por ella. Portanto, quando falo, penso e atuo como Cristão, não faço isso, fechando-me em mim mesmo, mas sempre faço isso em todas as coisas e começando com todas as coisas: assim, o Espírito Santo, o Espírito de unidade e de verdade, pode continuar a ressoar nos nossos corações e mentes humanas e estimular as pessoas para encontrarem-se e acolherem-se reciprocamente. Precisamente porque o Espírito atua dessa maneira, ele guia-nos para entrar em toda a verdade, que é Jesus, e orienta-nos a examiná-lo mais profundamente e a compreendê-lo. Nós não crescemos no conhecimento, bloqueando-nos no próprio ego, mas somente com uma atitude de profunda humildade interior, tornamo-nos capazes de ouvir e compartilhar o “nós” da Igreja”.

3. Colaboradores da vossa alegria (2Cor 1, 24)

Desde a memória grata até a alegria; desde a alegria até a obra do Espírito; desde a obra do Espírito até a missão em comunhão: e qual poderia ser a forma de tal missão hoje e no futuro? Nós tentamos dar algumas modestas respostas:

a) uma espiritualidade de cooperação

Pelo que foi dito aqui até agora, é evidente que esta visão de comunhão só pode ser sustentada por um poço profundo de fé - motivações alimentadas pela Palavra, pela oração e contemplação, pelo amor à Cruz e pela alegria na Ressurreição. A comunhão exige santidade, intimidade com o Senhor que nos convocou. Olhando desde o outro ângulo, diríamos que qualquer espiritualidade da vida religiosa sem este elemento de comunhão de carismas é totalmente incompleto.

b) a paciência do sementeiro

Seria muito esclarecedor reler as parábolas do Senhor sobre a semente e o sementeiro em termos de suas implicações para a missão-em-comunhão da vida consagrada. Nós, por exemplo, seríamos encorajados a acreditar suficientemente nesta missão para estar preparados em dar humildemente os primeiros passos; aprenderíamos a ser pacientes e a estarmos dispostos a começar uma e outra vez; entenderíamos melhor a preciosidade da semente e, portanto, apreciaríamos as várias experiências de comunhão, mesmo que aparentemente sejam insignificantes.

Este último ponto é de especial importância. Pode-se entender facilmente que, em certos casos, os projectos de comunhão podem, ao longo dos anos, serem menos relevantes ou menos viáveis, e precisam ser levados a uma conclusão. Ainda assim, o assunto nunca deve terminar aí: todas as experiências positivas vividas juntos, precisam de ser transformadas em início de algo diferente e novo, uma tradição e herança que convida-nos para as novas formas concretas de comunhão e cooperação para o futuro. A experiência é muito preciosa para ser jogada fora.

c) por uma renovação em conjunto

Todos estamos bem conscientes dos desafios que os nossos Institutos estão enfrentando nestes momentos, e dos consideráveis esforços e energias que estão sendo investidas nas iniciativas de formação contínua para alcançar a renovação. Felizmente, existe projectos de cooperação nesta área, mas que precisam de ser multiplicados, que nascem da convicção de que qualquer verdadeira renovação será uma renovação em conjunto, que realmente precisamos uns dos outros para esta tarefa.

4. Mais corajosamente

Não podemos concluir esta breve comunicação sem recordar as palavras do Papa Francisco no início do Ano da Vida Consagrada, tipicamente desafiando as pessoas consagradas a viverem neste momento, algumas vezes caracterizado pela fragilidade e diminuição, como uma oportunidade no Espírito:

“Espero que cresça a comunhão entre os membros dos diferentes Institutos. Não poderia este Ano ser ocasião de sair, com maior coragem, das fronteiras do próprio Instituto para se elaborar em conjunto, a nível local e global, projectos comuns de formação, de evangelização, de intervenções sociais? Poder-se-á assim oferecer, de forma mais eficaz, um real testemunho profético. A comunhão e o encontro entre diferentes carismas e vocações é um caminho de esperança. Ninguém constrói o futuro isolando-se, nem contando apenas com as próprias forças, mas reconhecendo-se na verdade de uma comunhão que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua e nos preserva da doença da auto-referencialidade”.